

Portugal pelo quarto ano nos *Chantiers d'Europe*

Pág. 3



UNIVERSIDADE
CABO VERDE

uni **C** CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL

CÁTEDRA EUGÉNIO TAVARES DE LÍNGUA PORTUGUESA

CO-CRIADA PELA UNIVERSIDADE DE CABO VERDE E PELO
CAMÕES - INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA

INSTALAÇÕES INAUGURADAS NO DIA 10 DE MAIO DE 2016

MAGNÍFICA REITORA DA UNIVERSIDADE DE CABO VERDE
DOUTORA JUDITE MEDINA DO NASCIMENTO

PRESIDENTE DO CAMÕES - INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA
DOUTORA ANA PAULA LABORINHO

Pág. 2/3

Língua Portuguesa

Governo quer aproveitar Jogos Olímpicos
para internacionalização

Pág. 2

Exposição de Julião Sarmento
em Split e Zagreb

Pág. 4

Tiago Rodrigues apresenta «memória»
do projeto *Occupation Bastille*

Pág. 4

Língua Portuguesa Governo quer aproveitar Jogos Olímpicos para internacionalização

«O governo português quer os Jogos Olímpicos, este verão, no Brasil, para promover o uso da língua portuguesa no Comité Olímpico Internacional. Esta é uma das possibilidades a serem exploradas para promover o uso do português nas organizações internacionais, afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, ao apresentar, na sede do Camões, I.P. em Lisboa, as atividades que assinalaram a 5 de maio o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

Santos Silva indicou que a data iria ser celebrada por Portugal sob o lema *Uma língua grande, como os mares*, com cerca de 200 ações em 58 países, o dobro do ano passado, promovidas pelas redes diplomática, consular e do Camões, I.P.

O português é a 4ª língua mais falada do mundo – 261 milhões de pessoas, em 50 continentes. Projeta-se que alcance os 380 milhões de pessoas em meados do século XXI. É ainda a língua mais falada no hemisfério sul, um dos cinco idiomas com mais utilizadores nas plataformas digitais e língua oficial e/ou de trabalho em 32 organizações internacionais, um número que se quer aumentar, em particular no sistema das Nações Unidas, segundo referiu o ministro.

Para a sua afirmação internacional, o chefe da diplomacia portuguesa declarou ver com muito agrado o reforço do papel do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) na nova visão estratégica da CPLP, que deverá ser aprovada pelos chefes de Estado e de Governo da organização na próxima cimeira, no Brasil. A nova visão determina que, «nas diferentes instâncias da organização, se promova a harmonização dos vocabulários técnico-científicos e os conteúdos digitais em língua portuguesa», acrescentou o governante. Para além da afirmação internacional, eram objetivos das comemorações a promoção do ensino do português «como língua materna, de herança, segunda, estrangeira» e do seu uso, bem como destacar as culturas que se exprimem em português, e «promover, através da língua, o diálogo e a cooperação entre os países da CPLP, com as diásporas e com os restantes países, outras instituições e agentes locais».

Na conferência de imprensa, o ministro disse ainda que o uso sistemático do português nos documentos oficiais e o ensino da língua portuguesa «em todo o sistema educativo» são condições essenciais da adesão plena à CPLP da Guiné Equatorial, único país de língua espanhola no continente africano, que aderiu à organização lusófona em 2014.

Santos Silva referiu por outro lado que Portugal «aguarda serenamente» a conclusão da ratificação do acordo ortográfico pelos membros da CPLP que ainda não o fizeram.

Cabo Verde Cátedra Eugénio Tavares inaugura instalações



Cerimónia de inauguração da Cátedra Eugénio Tavares

«A Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa (CET-LP), criada na Universidade de Cabo Verde (Uni-CV), na sequência de um protocolo com o Camões, I.P., foi constituída no final de 2015, estando em plena atividade desde a eleição da sua diretora, a professora universitária cabo-verdiana Amália Melo Lopes. No passado dia 10 de maio, foram inauguradas as suas instalações na Casa da Música, no centro histórico da Cidade da Praia, numa cerimónia em que participaram a Presidente do Camões, I.P., Ana Paula Laborinho (v. caixa), e a Reitora da Uni-CV, Judite Medina do Nascimento.

Segundo Amália Melo Lopes, a criação da Cátedra e os objetivos definidos procuraram responder à especificidade linguística de Cabo Verde, país que se caracteriza por uma situação «de contacto de duas línguas, a cabo-verdiana (LCV), um crioulo de base lexical portuguesa, a língua materna, não ensinada formalmente nem escrita sistematicamente, apesar de dotada, oficialmente, de um alfabeto, e a portuguesa (LP), língua segunda, com o estatuto de língua oficial», «utilizada na comunicação oral formal, na escrita e como meio de ensino», num contexto em que «a taxa de analfabetismo no país [é] bastante reduzida».

É aquilo que os linguistas classificam como «uma situação de bilinguismo com diglossia [coexistência de duas línguas com funções diferentes], predominantemente modal (LCV para a oralidade e a LP para a escrita), embora o domínio das duas línguas não seja equilibrado». Em termos simbólicos, acrescenta a diretora da Cátedra, «a língua cabo-verdiana é a língua de coesão e solidariedade nacionais, a língua das manifestações culturais mais tradicionais, e a portuguesa é, também, uma língua de identidade nacional, para muitos, que a consideram um património que deve ser mantido, para todas as funções sociais, ao lado da LCV, sendo que a LP tem vantagens como língua de comunicação mais ampla, com os países da CPLP e internacional».

Ora, no dizer de Amália Lopes, a constituição cabo-verdiana «interpela

à construção de uma situação de bilinguismo sem diglossia, ao reconhecer o direito da LCV à cooficialidade e o dos cidadãos de conhecer e usar as duas línguas e à não discriminação em razão da língua».

No estudo *As Línguas de Cabo Verde – uma radiografia sociolinguística* – obra lançada em março de 2016, pelas Edições da Uni-CV, com o apoio do Ministério do Ensino Superior, Ciência e Inovação de Cabo Verde e da CET-LP e que resulta do trabalho de investigação de Amália Melo Lopes no âmbito da sua tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa – a diretora da Cátedra analisa e reflete sobre esta matéria, mostrando a necessidade de repensar os processos de ensino e de aprendizagem em língua portuguesa, num exercício que favoreça o bilinguismo efetivo em Cabo Verde.

Foi neste quadro que a Uni-CV e o Camões, I.P. assinaram, em 2014, um protocolo de cooperação para a criação de uma cátedra de português, língua segunda, designada de Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa (CET-LP), pelo facto de o patrono, «poeta, compositor e articulista cabo-verdiano» ter sido um «exímio cultor das duas línguas».

LINHAS DE INVESTIGAÇÃO

«A missão, os objetivos fundamentais e as quatro linhas de investigação da CET-LP decorrem da situação sociolinguística de Cabo Verde», sublinha a diretora da Cátedra.

A primeira linha de investigação, de que é responsável a própria Amália Melo Lopes, decorre do facto de, «pelo estatuto presente e futuro da Língua Portuguesa», ser ambição da sociedade em geral que «os cabo-verdianos se apropriem dessa língua e a dominem». Mas, tal «como acontece com todas as línguas que se expandem por diferentes espaços e comunidades, o mais natural é que ela adquira características específicas nas comunidades em que é usada». No caso de Cabo Verde, o contacto com a Língua Portuguesa faz-se, «sobretudo, através da comunicação social, com jornalistas cabo-verdianos, e a sua aprendizagem ocorre nos esco-

las, com professores cabo-verdianos, com pouco contacto com a norma de referência europeia, a norma tacitamente aceite em Cabo Verde».

Assim, indica a diretora da CET-LP, «uma das linhas de investigação tem como finalidade documentar, analisar e caracterizar, sincronicamente a variedade em formação do Português de Cabo Verde, desde logo a sua norma culta». Para «além da sua importância linguística para a descrição da língua portuguesa como um todo, trata-se de uma questão relevante para o ensino, já que as informações obtidas poderão ser usadas pelos professores em sala de aula, na avaliação dos alunos e na produção de materiais didáticos, adequando a sua intervenção a dados da realidade concreta de Cabo Verde, estabelecidos cientificamente, evitando-se a coerção da norma-padrão europeia e um ensino demasiado prescritivo e, portanto, uma relação mais natural com a língua portuguesa».

Amália Melo Lopes indica que no contexto desta linha de investigação, «estão a ser desenvolvidas três dissertações» de mestrado em ensino do português, língua segunda língua estrangeira, e um grupo de investigação trabalha no Vocabulário Ortográfico Nacional de Cabo Verde, a ser integrado no Vocabulário Ortográfico Comum, um projeto do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) e da CPLP.

Outra linha de investigação – Ensino do Português como Língua Segunda, em Cabo Verde –, sob a orientação de José Esteves Rei, visa «o conhecimento, rigoroso e sistemático do modo como se faz o ensino da Língua Portuguesa em Cabo Verde, nos 12 anos de escolaridade do ensino básico e secundário, e a produção de materiais de ensino». Estão em curso quatro dissertações de mestrado e dois projetos, o primeiro por um grupo de professores de LP na Uni-CV para a produção de materiais de ensino, e um segundo direcionado para a formação de professores e a produção de material didático, para uma educação bilingue em Cabo Verde.

Neste âmbito, Amália Melo Lopes afirma que a CET-LP «poderá vir a acolher e realizar, por parte de Cabo Verde, o projeto Portal do Professor

de Português Língua Estrangeira», da responsabilidade do IILP, e o projeto Pró-Mobilidade Internacional (CAPES/AULP) *Ensinar qual Língua, Ler qual Literatura? Interculturalidade e relações étnico-raciais no Brasil e em Cabo Verde*. Para o portal, prevê-se a constituição em 2016 de uma equipa de trabalho com trinta elementos, que receberão formação e produzirão 45 unidades didáticas para o ensino de português língua não materna.

A terceira linha de investigação – Leitura: literatura em língua portuguesa e espaços físicos e sociais de leitura – a instituição literária em Cabo Verde –, de que é responsável Maria de Fátima Fernandes, pretende poder contribuir «para a promoção da utilização da LP em ambientes familiares e de lazer», contando já com três dissertações de mestrado em curso.

JORNADAS

A quarta linha – Pragmática Linguística do Português e Língua Portuguesa na comunicação social, empresarial e institucional –, sob a tutela de Daniel Medina, pretende «acompanhar o uso da língua portuguesa nessas instâncias, recolhendo subsídios para poder conceber e propor ações direcionadas para a promoção do uso da LP em ambientes profissionais, e para as restantes linhas de investigação».

Outra grande área de intervenção da CET-LP é, no dizer da diretora da Cátedra, a formação contínua de professores. Os membros efetivos da Cátedra «leccionam e orientam as dissertações do curso de mestrado em ensino do português, língua segunda língua estrangeira» e existe «um grupo a trabalhar na conceção de um programa de formação contínua, a desenvolver em colaboração com o Ministério da Educação de Cabo Verde».

A concluir, a diretora da Cátedra destaca a realização anual das Jornadas de Língua Portuguesa: investigação e ensino, um espaço de partilha de conhecimento e de reflexão entre investigadores e professores de LP em Cabo Verde. Estão em preparação as *Atas das I Jornadas*, realizadas em novembro/dezembro de 2015, com ampla participação de docentes/investigadores de universidades portuguesas e a preparação das *II Jornadas* para novembro de 2016.

As primeiras Jornadas, realizadas numa parceria entre a Uni-CV, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Camões, I.P., foram uma das ações iniciais da Cátedra. As suas 5 conferências, 2 mesas-redondas, 2 oficinas de trabalho e 4 seminários de investigação foram palco de «divulgação do conhecimento e de reflexão em torno da língua portuguesa em Cabo Verde, da sua didática e ensino, e formação de professores, sobre temas e questões que preocupam os professores de Português e [que estão] diretamente



Amália Melo Lopes

Há vontade para que o português seja a língua do conhecimento em Cabo Verde – Ana Paula Laborinho

«Uma cátedra onde se possa investigar sobre as questões do ensino da língua, em contexto cabo-verdiano, é da maior relevância e é uma questão de futuro», afirmou a Presidente do Camões, I.P., Ana Paula Laborinho, a propósito da inauguração a 10 de maio das instalações da Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa (CET-LP), criada na Universidade de Cabo Verde (Uni-CV) em colaboração com o instituto público português.

Citada pela Agência Lusa, Ana Paula Laborinho considerou haver vontade para que o português seja a língua do conhecimento em Cabo Verde e sublinhou a necessidade de aprofundar a investigação e a formação de professores no país.

Acrescentou que a língua portuguesa «é de facto a língua de escolarização», embora tenha registado a existência de «questões particulares», na medida em que há outra língua [crioulo] no país, sendo «preciso fazer a combinação» com ela.

«É preciso investigar, é preciso produzir materiais, é preciso formar professores», declarou, considerando que, neste «contexto plurilingue», a nova Cátedra é um instrumento fundamental.

Criada em 2014 e a funcionar desde 2015, a CET-LP terá um apoio financeiro anual do Camões, I.P. de 10 mil euros e contará com a colaboração da leitora Mariana Esteves Faria, que nela desempenhará as funções de vogal.

Ana Paula Laborinho, que se deslocou a Cabo Verde em representação de Portugal para participar na reunião do Conselho Científico do Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP), disse que, durante a sua permanência no país, manteve contactos com o homólogo responsável pela cooperação cabo-verdiana e com algumas autoridades do país.

relacionadas com o trabalho de aplicação dos programas dos ensinos básico e secundário desta disciplina», segundo um balanço de 2015 realizado pela Cátedra Eugénio Tavares.

Nos planos mais próximos da cátedra figura ainda a participação no Encontro Anual da Associação dos Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola, a realizar na Uni-CV entre 23 e 26 de junho, e muito particularmente, na «participação na elaboração de uma proposta de organização pela Uni-CV do VIII Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP) – edição 2019».

Portugal pelo quarto ano nos Chantiers d'Europe

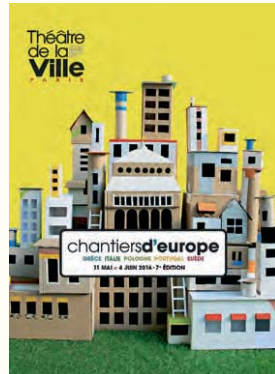
«É o quarto ano consecutivo da participação de criadores e artistas portugueses nos Chantiers d'Europe, o festival com que, desde 2009, o Théâtre de la Ville (TdV) de Paris, dirigido pelo luso-francês Emmanuel Demarcy-Mota, promove na capital francesa áreas artísticas tão variadas como o teatro, a dança, a música, a fotografia e as artes plásticas de países «pouco representados» nos palcos parisienses – este ano Portugal, Suécia, Polónia, Grécia e Itália.

Esta permanência dos artistas portugueses na programação do festival do TdV – que, no que toca Portugal, tem o apoio da Câmara de Lisboa, no âmbito do acordo de amizade com a sua homóloga de Paris, da EGEC, da Fundação Calouste Gulbenkian e do Camões, I.P. – foi a resposta dada por Emmanuel Demarcy-Mota à pergunta que lhe fizeram em 2013, quando da primeira participação, sobre se esta era um evento único ou o começo de mais alguma coisa. «Eu e a Catarina [Vaz Pinto, vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa] respondemos em pleno acordo na ideia [...] que era o início de uma tentativa de criar uma ponte e uma relação mais forte entre Paris e Lisboa ao nível das artes e da cultura e de oferecer também a possibilidade de ajudar artistas e novas gerações e não só» a se apresentarem em Paris, afirmou o diretor do TdV, na conferência de imprensa de apresentação da nova edição dos Chantiers... em Lisboa, a 5 de maio último.

Para a vereadora municipal da Cultura de Lisboa, os Chantiers... são importantes para os criadores portugueses «enquanto projeto de internacionalização na área das artes performativas», porque essa «era uma lacuna» sentida e que «de certa forma ainda existe». «Começamos um trabalho que agora começa a dar os seus frutos, até pela continuidade que o projeto tem tido» e «pelas portas que esta presença em Paris abriu para outros destinos culturais europeus e não só europeus». «É uma montra de visibilidade muito importante para esta nova geração de criadores portugueses», sintetizou Catarina Vaz Pinto. O secretário de Estado da Cultura, Miguel Honrado, considerou por seu lado que a intenção de internacionalizar a cultura portuguesa, que já teve «dias muito difíceis, períodos complicados», «há muito caminho ainda a fazer».

PARTICIPAÇÃO

A 7ª edição dos Chantiers... em curso desde 11 de maio, prolonga-se até 4 de junho. E pelos palcos do TdV e salas associadas em Paris já passou a aguardada peça de Miguel Loureiro, Paris «Sarah» Lisboa, espetáculo de abertura interpretado por Astrid Bas, que apresentou «um retrato insólito de Sarah Bernhardt, atriz lendária» – diretora na viragem do século XIX



Emmanuel Demarcy-Mota, Catarina Vaz Pinto

«A ideia que temos de Europa, que eu defendo e que somos vários aqui a defender», é a ideia de «uma Europa aberta, acolhedora, com valores (...) comuns» Emmanuel Demarcy-Mota

para o século XX do próprio Théâtre de la Ville –, que teve uma relação com o teatro em Lisboa, como revelou Emmanuel Demarcy-Mota.

De Portugal, Paris viu já igualmente o recital teatral «eminente poeta» Do Natural, sobre a obra de W.G. Sebald, do mesmo Miguel Loureiro, o espetáculo de fado com o guitarrista José Manuel Neto e os fadistas Cristina Branco e Camané, bem como Um Museu vivo de memórias pequenas e esquecidas, peça de Joana Craveiro com o Teatro do Vestido, que abordou a História portuguesa dos últimos 50 anos e

as migrações – ligando Portugal e França a partir de testemunhos recolhidos junto da comunidade portuguesa na região de Paris – e que será trazido ao Teatro São Luiz, em Lisboa, e ainda Fica no Singelo, espetáculo de dança de Clara Andermatt, numa revisitação às danças e músicas tradicionais portuguesas.

Uma apresentação de vídeos de artistas plásticos portugueses fez também parte da ‘armada’ cultural portuguesa nos Chantiers... Na sala de cinema do Palais Tokyo Jorge Jácome, Priscilla Fernandes, Pedro Barateiro, Nuno Cera e João Onofre propuseram «ficções poéticas em diálogo com a arquitetura, sobre as causas e as consequências do desenvolvimento urbano, sobre as populações e natureza», assim os descrevia o programa do festival.

Pela frente estão duas leituras e dois espetáculos. As duas leituras são As palavras da Europa, em que Ricardo Cabaça participa em residência com quatro outros escritores dos países participantes na presente edição dos Chantiers... na elaboração de um texto a ser descoberto a 28 de maio no Café des Oeillets do TdV, e a correspondência de Amadeo Souza-Cardoso, lida no Théâtre des Abbesses, a 3 de junho, enquanto decorre em Paris, no Grand Palais, até 18 de julho, a grande exposição dedicada ao pintor modernista português.

O primeiro espetáculo, já amanhã, no quadro do projeto de «democratização cultural» do TdV, leva, no espaço La Coupole, ao público das escolas francesas na sua própria língua A Caminhada dos Elefantes, de Miguel Fragata e Inês Barahona, interpretado pelo primeiro, peça que, com recurso a «objetos, sombras e poesia», fala «de forma delicada» da questão morte às crianças e que Demarcy-Mota disse nada ter a ver com recentes atentados de Paris.

O segundo espetáculo pertence ao Teatro Praga, que já esteve presente em edições anteriores dos Chantiers... A companhia apresenta de 31 de maio a 4 de junho, no Théâtre des Abbesses, Zululuzi, um retrato de Fernando Pessoa, «escrito a partir dos seus anos de juventude na África do Sul». Segundo Demarcy-Mota, o espetáculo abre «interessantes questões» sobre a relação de Portugal com África que, mesmo na sua dimensão lusófona, é pouco conhecida em França. Coproduzido pelo Teatro municipal de São Luiz, Zululuzi foi estreado no festival de teatro de Istambul (IKSV), a 19 de maio, que em 2015 esteve nos Chantiers... e aí descobriu a companhia portuguesa também presente e que agora a levou a Istambul.

UMA CERTA IDEIA DE EUROPA

Emmanuel Demarcy-Mota, que recorreu a oposição do antigo Presidente francês Nicolas Sarkozy à entrada da Turquia na União Europeia, afirmou na conferência de imprensa de

Lisboa que «uma Europa da Cultura não pode perder a ligação também com Istambul».

O diretor do TdV diria aliás que a «Europa da Cultura não é a mesma questão da Europa das fronteiras». E lembraria que o Chantiers d'Europe «nasceu já há 7 anos», «num momento político em que a subida da extrema-direita é muito forte dentro do espaço europeu», com a ideia de combater o risco do repli sur soi, uma expressão que pode ser livremente traduzida como uma espécie de isolacionismo ou de introversão. «Ao contrário, o nosso trabalho é de fraternizar, de dar a possibilidade de, como se diz em francês, effacer les frontières [fazer desaparecer as fronteiras]».

Afirmou ser esse um dos grandes debates nacionais hoje em dia em França e «também com os nossos amigos na Polónia, na Hungria», onde se assiste à subida ao poder de formas de extremismo. A responsabilidade dos criadores culturais está em saber «quais são as respostas possíveis a partir da cultura e das artes, a partir do trabalho artístico e na relação com diferentes públicos».

«A partir daí decidimos, com Bertrand Delanoë, o maire [presidente da câmara] de Paris, de criar os Chantiers d'Europe, um tempo em que vários artistas de vários países da Europa podem ser apresentados, e artistas que são pouco apresentados dentro do espaço europeu ou em França, em particular», explicou.

«A ideia que temos de Europa, que eu defendo e que somos vários aqui a defender», é a ideia de «uma Europa aberta, acolhedora, com valores (...) comuns». Demarcy-Mota considerou que, em França, na tríade de Liberté, Egalité et Fraternité, a terceira palavra «foi muitas vezes esquecida», acrescentando que, « neste momento, dentro do espaço europeu, [essa] é uma questão muito importante» e que se espelha nos movimentos migratórios e na questão «de como a Europa pode acolher ou não». «Há uma Europa que não é só uma Europa económica», «uma Europa da cultura e das artes, uma Europa humanista», frisou o diretor do TdV, lembrando que a Europa nasceu depois de duas guerras por si impostas ao mundo no século XX e para acabar «com a questão da guerra dentro da Europa». «Os valores da Europa têm que ser redefinidos» num sentido humanista, de liberdades e de circulação.

Emmanuel Demarcy-Mota explicou assim que os Chantiers d'Europe, «sem serem evidentemente um momento político, são um momento onde essas questões podem ser partilhadas através das artes e da cultura e nos lembrar a todos que a cultura não esperou a construção do espaço europeu para poder trabalhar a circulação dos artistas, como um modelo de liberdade».



Instituto Internacional da Língua Portuguesa Conselho Científico aprova «sistematização das regras escritas do português»

❖ O Conselho Científico (CC) do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) aprovou na sua reunião de 9 a 11 de maio na Cidade da Praia, em Cabo Verde, um documento que estabelece a «Sistematização das Regras de Escrita do Português para Aplicação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, no âmbito do VOC [Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa]».

O Conselho, presidido pelo professor universitário moçambicano Raul Calane da Silva, decidiu ainda, segundo o comunicado divulgado no final da reunião, criar um conselho internacional de especialistas junto ao IILP para o acompanhamento e a atualização do VOC.

Calane da Silva, citado pela Agência Lusa, indicou, relativamente ao novo conselho internacional, que sendo «a língua é dinâmica», «é preciso harmonizar e ter especialistas para dizer como é que será escrita determinada palavra oriunda de países africanos, do Brasil e de Portugal».

Com especialistas na área das línguas de todos os países da Comunidade de Países da Língua Portuguesa (CPLP), esse conselho, acrescentou Calane da Silva, «é quase permanente», porque, segundo ele, «tem de estar sempre em cima do acontecimento», para haver «uma resposta rápida e eficaz e cientificamente bem elaborada para introduzirmos os novos termos que começam a ser usados nos VOCs».

O Presidente do CC do IILP disse ainda que outro objetivo da criação da nova organização é ajudar os países que estão mais atrasados na aplicação do VOC, como é o caso da Guiné-Bissau e da Guiné Equatorial, país que entrou há dois anos para a CPLP.

A Presidente do Camões, I.P., Ana Paula Laborinho, chefiou a Comissão Nacional (CN) de Portugal participante na reunião, a qual integrou um representante do Ministro da Educação e um representante do Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

Estiveram ainda presentes as comissões nacionais do Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Timor-Leste. A CN de Angola fez-se representar pela sua missão diplomática na Cidade da Praia. A reunião contou, ainda, com a presença da diretora executiva do IILP (DE IILP), Marisa Mendonça, e de representante do secretariado executivo da CPLP.

O CC assinalou ainda a «ausência da Guiné-Bissau, de São Tomé e Príncipe e, sobretudo, da Guiné Equatorial», país que é instado «a uma maior participação e ação com vista à consolidação do uso da Língua Portuguesa para a sua efetiva integração na CPLP».

O comunicado final refere o apoio à organização, por Timor-Leste, da III Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, que terá lugar, entre 15 e 17 de junho, em Díli, e a aprovação da proposta de uma comissão científica da III Conferência ser composta pelos membros das comissões nacionais que integram o CC do IILP.

A Presidente do Camões, I.P. sublinhou a importância da reunião numa altura em que está em preparação a conferência de Díli, tendo realçado que «das primeiras duas conferências saíram planos de ação que são políticas de língua da CPLP e que servem para projeção internacional da língua em diversos domínios. Por isso, temos também uma grande expectativa em relação à terceira conferência»

Reino Unido Exposição Os Quarenta Ladrões de Francisco Sousa Lobo



❖ A exposição *Os Quarenta Ladrões* de Francisco Sousa Lobo estará patente na 12 *Star Gallery* em Londres, de 22 de junho a 1 de julho de 2016. O evento conta com o apoio do Camões, I.P.

A mostra - que inclui originais de banda desenhada, excertos de entrevistas em vídeo e reproduções de objetos preciosos - apresenta-se sob a forma de um livro, composto por 40 entrevistas a 40 artistas e críticos de banda desenhada e artes plásticas. Os entrevistados incluem Chester Brown, Michael Landy, Seth, Hugo Canoilas, Adam Chodzko, Marco Mendes, Amanda Baeza, Alice Geirinhas e muitos outros.

Francisco Sousa Lobo reside em Londres, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e é doutorado em Artes Plásticas pela Goldsmiths. É autor de banda desenhada e artista plástico. Em 2015 foi selecionado para participar no *Bloomberg New Contemporaries*, no qual o seu livro sobre Hugo Canoilas - *I Like Your Art Much* - foi premiado.

Exposição Julho Sarmento de regresso a Zagreb



Estoril Yellow Lillies (2014) Julião Sarmento. Acetato de polivinil, pigmento, esmalte à base de água, gesso acrílico, nanquim, grafite e impressão serigráfica sobre tela de linho

❖ São diversos «os pontos de entrada» que o público de Split pode ter à obra de Julião Sarmento. A exposição *As Good as It Gets*, que está patente na cidade croata da costa Adriática até 17 de junho, foi planeada - segundo o seu curador, João Silvério - para utilizar três espaços - a Galeria Kula, o Palácio Milešić e o Museu de Belas-Artes -, oferecendo aos visitantes trabalhos em vários *media*.

Essa diversidade está de alguma forma sintetizada na obra de vídeo *ROC (40 plus one)* -, que preenche inteiramente o espaço da Galeria Kula, na qual a exposição se inicia -, ao apresentar, no dizer do curador, «vários tópicos que serão explorados pelo artista ao longo da exposição». Num vídeo, «uma mulher recita as *Observações*

sobre as *Cores* de Ludwig Wittgenstein enquanto se despe lentamente à frente de um cenário neoclássico». Diz João Silvério: «através da palavra falada, o pensamento filosófico e especulativo funde-se com a *performance* do corpo, numa ação que se torna única e iniciática à medida que a roupa cai». Num curto texto de apresentação, depois desenvolvido para o catálogo da exposição - que será também apresentada no Museu de Arte Contemporânea de Zagreb, a capital da Croácia, de 15 de julho a 20 de agosto próximos -, João Silvério sublinha que «ultimamente, o trabalho de Julião Sarmento atingiu uma relevância crescente e notável em termos da forma como a imagem confronta o observador». «Vários graus de significado são extraídos através das

metodologias que Sarmento explora nos seus vários *media*», afirma o curador, acrescentando que «pintura, escultura, vídeo ou fotografia são processos que se entrelaçam em relações fragmentadas que percorrem a história da arte, fazendo uso de imagens produzidas pelo cinema ou pela literatura que nos desafiam, por vezes em termos quase transgressivos, ao olharem para a nossa intimidade e para a sua ligação com o imaginário coletivo».

No dizer de João Silvério, «este evento pode ser visto como uma introdução a um corpo de trabalho que está constantemente aberto, algo que na prática e no pensamento artístico de Julião Sarmento representa um ato de resistência que fratura todas as possibilidades interpretativas que cada peça oferece e que desconstrói». A exposição de Julião Sarmento na Croácia, que tem o apoio do Camões, I.P. e da Embaixada de Portugal em Zagreb, é a segunda individual realizada pelo artista plástico português naquele país. Em 1980, apresentou a instalação *1947* na Galeria de Arte Contemporânea de Zagreb, tendo durante os anos 70 e 80 participado numa dezena de mostras coletivas na antiga Jugoslávia.

Julião Sarmento nasceu em 1948 em Lisboa e vive e trabalha no Estoril, Portugal. Estudou pintura e arquitetura na Escola de Belas Artes de Lisboa. Ao longo da sua carreira, Sarmento tem trabalhado numa ampla variedade de meios - pintura, desenho, escultura, fotografia, cinema, vídeo e instalação. Efetuou inúmeros exposições individuais e coletivas em todo o mundo ao longo das últimas quatro décadas.

Julião Sarmento representou Portugal na 46ª Bienal de Veneza (1997). Foi incluído na Documenta 7 (1982) e 8 (1987), a Bienal de Veneza (1980 e 2001) e a Bienal de São Paulo (2002). O seu trabalho está representado em várias coleções públicas e privadas da América do Norte e do Sul, Europa e Japão.

Tiago Rodrigues apresenta «memória» do projeto Occupation Bastille

❖ A apresentação ao público da nova criação do atual diretor do Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII) - *Je t'ai vu pour la première fois au Théâtre de la Bastille* - culmina 6 de junho o período (11 de abril a 12 de junho) durante o qual o dramaturgo, encenador e ator Tiago Rodrigues dirigiu o projeto *Occupation Bastille* no Théâtre de la Bastille, em Paris.

Esta «residência» de Tiago Rodrigues, que contou com o apoio do Camões, I.P., resultou de uma produção conjunta do TNDMII, da Embaixada de Portugal em França e da Fundação Gulbenkian.

Tiago Rodrigues apresentou primeiro em Paris a peça *Bovary* - uma recriação de *Madame Bovary* interpretada por atores franceses - e dinamizou *ateliers* e outros eventos abertos ao público, juntamente com os atores da peça. Tal como a versão portuguesa, que esteve em cena no TNDMII, em

novembro de 2015, *Bovary* girou em torno do julgamento de Flaubert por atentado à moral e à religião, em 1857, aquando da publicação do romance em folhetim.

Segundo o sítio do TNDMII, seguiu-se 10, 17 e 24 maio a produção *Ce soir ne se répètera jamais*, em que Tiago Rodrigues trabalhou com um grupo de 90 pessoas composto por artistas franceses e portugueses, 70 espetadores do Théâtre de la Bastille e toda a sua equipa. Foram «apresentadas noites únicas, inventadas e interpretadas por este grupo», durante as quais se abriram as portas do teatro parisiense para que a cidade descobrisse «os êxitos e os fracassos desta aventureira ocupação».

No fim de tudo, estreia-se uma nova criação - *Je t'ai vu pour la première fois au Théâtre de la Bastille*, que «acaba por ser um manifesto-memória desta ocupação».

O projeto *Occupation Bastille* foi

motivado, segundo Tiago Rodrigues, «por três formas de urgência. Urgência da equipa de um teatro em questionar a sua relação com os artistas e o público, opondo-se ao ritmo apressado (mas muitas vezes não urgente) do consumo cultural; urgência dos artistas para se relacionarem com os teatros de outra forma, de um modo que lhes permita inscreverem-se realmente na cidade; urgência, finalmente, de um público que quer viver o teatro como alguém que decifra um mistério, apostando no facto de não saber o que vai acontecer»



Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlenkarte@camoes.mne.pt

COORDENAÇÃO Pedro Santos
COLABORAÇÃO Carlos Lobato